

## Exclusão informativa: representação e representatividade dos negros e afrodescendentes nas capas da revista *Veja*

Derval Golzio<sup>1</sup>

Os negros integram a parcela que possui a mais baixa representatividade da população brasileira, em termos raciais, na maioria dos meios de comunicação impressos brasileiros. Para um país que, desde a metade do século XVII já possuía uma das mais elevadas concentrações de negros no mundo, é algo que impressiona e que somente poder ser explicada nos dados históricos de condição humana que recebeu como mão-de-obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar e na extração mineral de algumas regiões do Brasil.

Embora alguns antropólogos considerem impróprio falar de pureza de raças no Brasil, o contingente de negros oriundos do continente africano é um dos mais elevados do mundo. Ribeiro (1995, pag. 162) argumenta que, em três séculos de tráfico de escravos, legalizados ou não, foi possível importar milhões de africanos, com um custo aproximado de 160 milhões de libras-ouro.

Ainda segundo Ribeiro, existem poucos estudos demográficos com apurado critério que possibilitem uma avaliação do número de escravos trazidos para ao Brasil. Em todos os casos, as cifras mencionadas por Ribeiro (algumas subestimadas e outras superestimadas por alguns autores sobre a questão) são bastante esclarecedoras sob os pontos de vista humano e econômico.

1 - 15 milhões de escravos trasladados desde África (Rocha Pombo, 1905).

2 - 13,5 milhões de escravos trasladados desde África (Calógeras, 1927).

3 - 4,6 milhões de escravos trasladados desde África (Taunay, 1941).

4 - 3,3 milhões de escravos trasladados de África (Simonsen, 1937).

Ribeiro menciona ainda que um estudo de P. Curtin (1969), baseado nos registros oficiais arquivados no estado da Bahia (primeira capital), dá conta da entrada de 3 216 800 escravos no país. Porém, os registros

oficiais não levavam em consideração os escravos contrabandeados ou que foram trazidos ilegalmente. Os números que mais se aproximam da realidade, sobre o traslado de escravos africanos para o Brasil, de acordo com Ribeiro, são os de M. Buescu (1968).

As estimativas de Buescu têm como base um cálculo que leva em consideração a taxa anual de vegetação negativa e taxa de reposição (que foi entre os séculos XVI e XIX em percentuais que variavam entre 5% e 2%) dos escravos mortos ou incapacitados para o trabalho: o resultado do estudo dá conta de 6.352,000 escravos importados desde a África.

Apesar das condições desumanas em que foram submetidos, os escravos que sobreviveram à fase mais dura do período colonial – com a perda de sua identidade cultural, idioma ou dialeto, ter que se adaptar a jornadas de trabalho 18 horas diárias com alimentação composta de sobras, as enfermidades, e enfrentar uma realidade meio ambiental muito diferente das que encontravam em suas terras de origem – os negros conseguiram manter-se como a etnia mais numerosa do Brasil.

Seus descendentes, resultado da mistura raciais entre brancos e negros, brancos e índios (caboclos) e negros e índios (curibocas) passaram a configurar a massa de pobres da população e a constituir o que Ribeiro chama de sentido “povo brasileiro”.

Não sendo um branco, com sobrenome reconhecido em cartório, enfrentavam as mesmas adversidades que seus ascendentes escravos ou indígenas por parte dos brancos dominadores. Os mestiços, além de enfrentar o desprezo do branco dominador, eram freqüentemente alvo de desconfiança por parte dos escravos e dos gentios. Talvez resida nesta ausência de apoio o problema da auto-estima e do reconhecimento de suas origens.

O que é ser negro no Brasil? Uma pergunta muito difícil de responder se levamos em consideração que o censo populacional realizado no país, sob a coordenação do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE), propicia algumas informações no mínimo curiosas: somente 6,2% da população brasileira se considera da raça negra. Consideram-se integrantes da raça branca 53,8%, os pardos 39,1%, amarelos (asiático) 0,5% e indígena 0,4%.

Os números obtidos com o censo nos dão a proporção do que é o autoconhecimento racial. De 160 milhões de brasileiros, somente 9.920.000 consideram-se negros. Os resultados apontam para um crescimento vegetativo negativo entre os negros ou uma miscigenação formidável. Isso porque se estima que o total de negros trazidos ao Brasil como escravos somam 6.000.000. No Censo de 1940 os negros e afrodescendentes eram 7.200.000 e em 2002 cresceram em apenas 2.000.000.

Os dados do Censo refletem com muita propriedade a dificuldade com a autoclassificação racial. É inegável que os mestiços, até mesmo pelo tratamento originado na fase de escravidão, hajam adotado uma tendência de dissimular ou amenizar o impacto que provoca ser negro com neologismos raciais do tipo “moreno” e sua variada gama de claro e escuro, café com leite, etc.. Os neologismos adotados por afrodescendentes e mesmo pelos brancos brasileiros apontam para a concepção de que ser moreno implica estar mais perto de ser branco, o que possibilita abrir portas e minimizar preconceitos.

*“Narciso acha feio o que não é espelho”* (Caetano Veloso)

### Sem espelhos

Outro dado, que também ajuda a compreender o pequeno percentual de autoconhecimento dos afrodescendentes negros no Brasil, está na forma de representação estereotipada por parte dos veículos de comunicação. Nas telenovelas, por exemplo, os atores e atrizes negros ou afrodescendentes trabalham em papéis bastante definidos:

escravos (em telenovela de época), empregados domésticos em casas de ricos brancos ou figuram como integrantes da *marginália brasileira* em papéis de pouca importância. É bem verdade que já há indícios de mudanças, mesmo que tímidas, na relevância de papéis desempenhados por afrodescendentes.

*“Os estereótipos da preguiça, indolência, atraso intelectual e tendências criminais dos afrodescendentes freqüentam o imaginário social por meio da noção de que tais características se ocultam no sangue dessas populações, assim como se considera que um talento especial e uma vocação para o ritmo, samba e futebol correm nas veias dos descendentes africanos.”* (Nascimento, 2003)

Nos jornais, excluindo-se à seção esportiva, os negros e afrodescendentes povoam, quase sempre, as páginas policiais ou dedicadas às infrações. As imagens dos pontos mais conflitantes dos grandes centros urbanos trazem sempre a figura do afrodescendente como protagonista ou coadjuvante. Por outro lado, o leitor de páginas de jornal menos atento aos temas relacionados com a política e com negócios pode pensar que o país é constituído apenas por brancos. Negros e afrodescendentes, de uma forma geral, são quase inexistentes.

Diante desta forma de aparição e representação, é compreensível que a busca pela identificação com os brancos esteja refletida na hora de responder ao Censo demográfico, de forma a escamotear ou diluir o impacto de sua ascendência. Faltam referências positivas aos afrodescendentes, espelhos para narcisos. Excluindo-se as aparições em seções temáticas que envolvam o futebol (e os esportes de um modo geral) e a música popular, as representações positivas dos afro-brasileiros são escassas ou nulas. Estes dados implicam na constatação da ideologia do embranquecimento (Nascimento, 2003) no meio jornalístico, levada a efeito ainda na fase de libertação dos escravos.

Tal ideologia consiste em minimizar ou diluir os índices de integrantes da raça negra

em solo brasileiro. Para viabilizá-la, alguns dirigentes incentivaram e subsidiaram a vinda de europeus de países como Alemanha, Itália, Espanha e mesmo do continente asiático, tendo como principal referência o Japão. Ainda dentro desta concepção o ideal era manter o ventre das brancas livres de contatos com a população negra e incentivar a diluição da raça negra através das relações entre brancos varões e as afrodescendentes.

Alguns meios de comunicação parecem ainda permanecer neste ideal de embranquecimento da população brasileira ao adotar a política de representação que esconde os negros das páginas do noticiário nobre, segregando-os nas de conteúdo esportivo ou destinadas aos problemas sociais.

### Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa buscou analisar, através do método da Análise de Conteúdo, as formas de representação e a representatividade dos afrodescendentes<sup>2</sup> brasileiros nas capas da revista de maior circulação nacional do Brasil, a *Veja*. Ao todo, foram investigadas 1.826 capas de revista, que correspondem a um universo de 35 anos de publicação.

A escolha das capas para verificar a proporção e a forma de representação dos afro-brasileiros se justifica por entender que estas representam a agenda mais importante do meio. Nela, encontramos uma característica bastante marcante, que se traduz numa “*estrutura monotemática: uma foto ou ilustração de fundo e uma chamada (manchete que sintetiza o assunto e que pode ser formada apenas pelo título ou ter o acompanhamento de outros elementos verbais característicos do jornalismo... e, eventualmente, um segundo assunto em destaque na tarja diagonal no seu canto superior esquerdo (conhecido como orelha).*” (Guimarães, 2000)

A capa de uma revista é mais que um resumo ou chamamento do tema que é

considerado como o de maior importância informativa: é também uma autopublicidade.

Um cartaz publicitário, com atrativos informativos/interpretativos sobre um que vai disputar os espaços dos quiosques com outras tantas publicações (Golzio, 2003). Como se dissesse “olha o que tenho, olha como o enquadrámos, o colorimos, fotografamos ou representamos.”

É importante ressaltar a ponderação feita por Baeza (2001), de que as imagens das capas das revistas já não são exclusivamente fotojornalísticas:

*“...llamamos ilustrativas, por aplicar requisitos fundamentales de esta función: auxiliar a la mejor comprensión de un objeto, idea o concepto establecido de antemano, pero que también, y fundamentalmente, atienden a ese otro descriptor de la función ilustrativa que es generar interés y atracción hacia lo que se explica”.*

Para identificar o tratamento dispensado aos temas e personagens a análise de conteúdo foi concebida partindo da formulação de uma ficha que contempla a identificação racial, o ano de publicação, o enfoque temático, a referência ao lugar (nacional ou internacional), e o tipo de representação do personagem (individual ou coletiva).

### Resultados e discussão

Os resultados encontrados são, no mínimo, surpreendentes. A depender das proporções estabelecidas entre negros e brancos acerca da representatividade observada, 57 capas com afrodescendentes, sendo 45 com enfoque nacional e 12 internacional. Quanto ao protagonismo, os personagens negros ou afro-brasileiros obtiveram 45 capas, enquanto que em nove não havia protagonistas e em 1.337 os personagens brancos foram protagonistas.

**Tabela 1 - Distribuição racial em capas de *Veja***

Brancos	Negros	Asiáticos	Índios	Sem personag.
1.337 (73,22%)	58 (3,17%)	10 (0,54%)	5 (0,02%)	376 (20,59%)

As razões para uma baixa representatividade dos negros, nas capas de revistas, e uma leitura que vislumbre preconceito racial podem ser encontrados na relação estabelecida na formação da identidade do povo brasileiro. De acordo com a apresentação do livro de Nascimento (2003) com Kabengele Munanga<sup>2</sup>,

*“a identidade nacional no pensamento e na retórica dessa elite é forjada com base na unidade racial e cultural construída em torno dos conceitos de miscigenação e mestiçagem cultural, respectivamente traduzidos hoje na linguagem de raça brasileira mestiça e de cultura brasileira ou identidade brasileira mestiça. Esse discurso veicula certamente a ideologia de embranquecimento e aniquilação do processo de construção da identidade negra. Pois bem! O que seria a identidade nacional mestiça num país onde a brancura serve de referencial para tudo?”.*

Como a ideologia do embranquecimento consiste em proporcionar a miscigenação com objetivo de diluir a incidência de negros em território brasileiro, pode-se imaginar que a representatividade dos negros e afrodescendentes na revista *Veja* seja uma afirmação desse pensamento da elite nacional. De acordo com Nascimento (2003), a ideologia do embranquecimento possui duas pedras fundamentais:

*“a imigração européia em massa, subsidiada pelo Estado, sob legislação que*

*excluía as raças não desejáveis; e o cultivo do ideal de embranquecimento com base na subordinação da mulher; servindo a branca para manter a pureza do estoque sanguíneo”.*

A ideologia do embranquecimento parece ainda povoar o universo da revista *Veja* no que se refere à aparição de personagens negros em suas capas. A impressão que chega ao leitor de *Veja*, tendo as capas como referencial, é que o país é constituído por uma massa hegemônica de brancos. A publicação de nº 818, de 4 de maio de 1994, é bem representativa da prioridade dos editores da revista para com o segmento de cor branca em detrimento dos afro-brasileiros. Seis jovens, três homens e três mulheres, sendo apenas um negro. Os demais personagens parecem autênticos representantes do ideário nazista de brancura. O título reforça a de concepção representação predominantemente branqueadora da população do Brasil: *“Retrato do jovem brasileiro – o que pensa, o que quer, como se comporta”*

Uma outra questão que aflora, a partir dos números encontrados nas capas da revista *Veja*, diz respeito a formação de estereótipos bastante definidos. Greemberg e Seiter (1986) observam que as imagens distorcidas da realidade contribuem na formação de estereótipos. Das 58 aparições de negros em capas, de forma individual ou coletiva e independente do grau de protagonismo que exercem, os negros possuem basicamente dois tipos de representação: o esportista e o cantor.

**Tabela 2 - Negros e afrodescendentes/tema**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Política	7	12,1	12,1	12,1
Economia	3	05,2	05,2	17,3
Trabalho/sindicatos	1	1,7	1,7	19,0
Esportes	17	29,3	29,3	48,3
Cultura	15	25,9	25,9	74,1
Ciência/Descobrimto	1	1,7	1,7	75,9
Guerra/Conflitos	1	1,7	1,7	77,6
Violência urbana	1	1,7	1,7	79,3
Condição de negro	4	6,9	6,9	86,2
Crime	2	3,4	3,4	89,7
Outro	6	10,3	10,3	100,0
Total	58	100,0	100,0	

Nos casos da representação do negro ou afrodescendente brasileiros nas capas da revista *Veja*, a questão não se resume a formação de estereótipos, mas de enquadramentos únicos em dois ramos de atividade onde, há cerca de 30 anos, eram tidos como propício ao caldo da malandragem e de desocupados do país: o futebol e o carnaval. Nas aparições de negros na variável cultura, por exemplo, temos uma concentração de aparições nos meses de fevereiro num total de nove.

A explicação para tantas inserções no mês de fevereiro reside no fato, na maioria dos casos, de ser o mês em que se realiza a festa do “*Rei Momo*”, e as representações do carnaval também estão umbilicalmente ligadas aos personagens negros ou afrodescendentes. Fevereiro também é o mês onde as mulheres negras ou afrodescendentes aparecem com mais intensidade: das sete inserções como protagonista, três aconteceram no mês de fevereiro e dentro do temário carnavalesco.

Nas inserções ocorridas na variável esporte, onde se deu o maior percentual de negros e afrodescendentes, as representações são mais distribuídas durante os meses que compõem o ano. Ainda assim, observa-se uma maior concentração nos anos em que acontecem as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol (seis inserções cada). Em quaisquer das situações – futebol ou samba (música) – é possível afirmar que não existe em ambas a necessidade da educação formal (escolaridade) para adquirirem ascensão social e política e, conseqüentemente, ocuparem as capas da revista.

Os negros e afrodescendentes brasileiros ocupam o terceiro posto nas capas da revista *Veja*, no tema destinado à política. São sete representações, sendo três centrados em questões nacionais e quatro internacionais. Entre eles O líder sul africano, Nelson Mandela (02 inserções), o egípcio Sadat e o ex-ditador de Uganda, Idi Amin (uma aparição cada). O ex-prefeito da cidade de São Paulo, Celso Pitta e o líder do movimento dos Sem Terra, José Rainha, são os destaques da política nacional.

Celso Pitta, na primeira das inserções, divide com o ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, João Paulo Conde, o protagonismo

de uma das capas. Foram considerados azarões por serem desconhecidos. Na verdade tinham por trás de suas eleições alguns caciques da política nacional. Na segunda aparição de Pitta, o assunto está centrado na política e na suspeita de haver recebido favores de entidades bancárias. Já José Rainha ganha dos editores a adjetivação de delirante por suas idéias políticas de viés esquerdista e pela invasão de terras que lidera.

Apenas quatro capas de revistas estão dedicadas a discutir a inserção do negro ou afrodescendente na sociedade brasileira. A primeira (nº 1.027, de maio de 1988) esboça uma capa com pequenos retratos de negros em toda a sua extensão e com um título vago no centro da página: NEGRO. Não há dúvidas sobre o tema central, mas percebe-se a dificuldade no trato da questão para a capa.

A segunda (nº 1.447, de maio de 1996) esboça como tema central a questão da escravidão no Brasil. Contudo, o título gera ambigüidade, “ESCRavidão: o passado que o Brasil esqueceu”. A ilustração de um negro sofrendo o castigo do chicote preso a um pelourinho não é suficiente para esclarecer porque o país esqueceu a escravidão.

Estamos todos integrados, livres de preconceito, ou esquecemos de saldar a dívida com os descendentes africanos?

A terceira (nº 1.552, de junho de 1998) revista que tem como tema central o negro na sociedade brasileira já explicita a existência do preconceito racial no país.

Apesar de colocar a questão do preconceito, a capa da revista reproduz as poucas possibilidades de ascensão social da maioria da população negra brasileira: a música, o futebol e, de forma mais tímida, a arte da representação (atores, atrizes, modelos). O título “DO PRECONCEITO AO SUCESSO: a discriminação racial vista por quem venceu a barreira e chegou lá”, serve como base para esportistas, sambistas, modelos e atores de sucesso.

A última (nº 1.611, de agosto de 1999) das revistas, que trata da inserção do afrodescendente na sociedade brasileira, centra a atenção do leitor na formação de uma classe média de negros. A julgar pela novidade que o fato representa, a classe média formada por negros e afrodescendentes atesta a dificuldade de integrarem um público

consumidor. Como habitualmente os negros integram a faixa de população de mais baixa renda no país, o fato de tornar-se visível levou a ganhar o destaque em capa.

Os fatos positivos retratados em capas são quase inexistentes. A questão do preconceito racial ainda encontra dificuldades em entrar na agenda dos meios de comunicação impres-

sos, como a revista *Veja*. Mais difícil ainda é ganhar os espaços privilegiados das capas. Reconhecer a dívida com os afro-brasileiros pode significar tornar visível um problema encoberto, principalmente pelos meios de comunicação do país. E o pequeno índice de representação dos negros e afro-brasileiros nas capas de revista só reforça a ideologia do embranquecimento.

**Bibliografia**

**Baeza, J.** (2001). *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

**Dixon, T. e Linz, D.** (2000). Overrepresentation and underrepresentation of african americans and latinos as lawbreakers on television news. *Journal of Communication*, 2, 131-154.

**Golzio, D. G.** (2003). Retratos de Brasil: análise de las imágenes de portada publicadas em las revistas *Veja* e *Isto É*. Tese de doutoramento apresentada na Univeridad de Salamanca.

**Greenberg, B. S.** (1986). "Minorities and the mass media". In J. Bryant e D. Zillman (orgs.) *Perspectives on media effects* (pp. 165-188). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

**Guimarães, L.** (2000). *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística*

*e cultural da simbologia das cores*. São Paulo, Annablume.

**Larkin, E. N.** (2003). *O Sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil*. São Paulo, Summus.

**Ribeiro, D.** (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.

**Seiter, E.** (1986). "Stereotypes and media: a re-evaluation". *Journal of Communication*, 36 (4). 14-26.

---

<sup>1</sup> Departamento de Antropologia e Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Como negros e afrodescendente brasileiros foram considerados os personagens caracterizados pela cor da pele (morena, parda, negra) e alguns traços físicos como cabelos, formato de nariz, etc.